

NOVA ÁGUIA

Revista de Cultura para o Século XXI

Nº 27 – 1º SEMESTRE 2021

TEMAS & AUTORES

ANTÓNIO TELMO

Cartas de Dalila e Luís Amaro
& treze Ensaïos

EDUARDO LOURENÇO

Abertura de “Uma viagem com Pessoa,
Nietzsche e Kierkegaard” (inédito)
& doze Ensaïos

*Outros Vultos
Outros Voos
Bibliáguio
Poemáguio
Memoriáguio*

Zéfiro




Esta obra não pode ser reproduzida ou transmitida por
qualquer processo à excepção de excertos para divulgação.
Reservados todos os direitos, de acordo com a legislação em vigor.

TÍTULO

Nova Águia – Nº 27 – 1º Semestre 2021

AUTORES

Vários Autores

DIRECTOR

Renato Epifânio

VICE-DIRECTORES

Anna Galvão, António José Borges, José Almeida, Luís Lóia, Luís de Barreiros Tavares, Luísa Janeirinho,
Maria João Carvalho, Maria Luísa Francisco, Nuno Sotto Mayor Ferrão e Samuel Dimas

FOTOGRAFIA DA CAPA

Carlos Aurélio

ILUSTRAÇÕES (INTERIOR)

Délio Vargas

EDITOR

Alexandre Gabriel

1ª EDIÇÃO: Abril de 2021

ISSN: 1647-2802

DEPÓSITO LEGAL: 276 328/08

IMPRESSÃO: DPS

© 2021, Nova Águia & Zéfiro



Zéfiro – Edições e Actividades Culturais, Unipessoal Lda.

Apartado 21 – 2711-953 Sintra – Portugal

EMAIL: zefiro@zefiro.pt

 WWW.ZEFIRO.PT

ÍNDICE

EDITORIAL	5
ANTÓNIO TELMO, UMA DÉCADA APÓS A SUA PARTIDA	
UM OLHAR DE ANTÓNIO TELMO NA SIMBÓLICA DE PRESTES JOÃO Abel de Lacerda Botelho	8
ANTÓNIO TELMO: QUEM SOU EU AQUI? Carlos Aurélio	16
DA PERIFERIA AO CENTRO Carlos Vargas	23
DIVAGAÇÕES EM TORNO DO <i>SER</i> POÉTICO-FILOSÓFICO SAUDOSO: A PROPÓSITO DOS <i>RITMOS</i> BERGSONIANOS DE ANTÓNIO TELMO César Tomé	24
DE UMA CARTA DE ANTÓNIO TELMO SOBRE A RAINHA SANTA ISABEL Eduardo Aroso	30
ANTÓNIO TELMO E O CICLO DA HERMENÊUTICA João Luis Ferreira	37
O LETRADO ANTÓNIO TELMO Joaquim Domingues	41
ANTÓNIO TELMO: HUMILDADE ESPIRITUAL E INICIAÇÃO MAÇÓNICA Pedro Martins	44
DA CONVERSA À CONVERSÃO Pedro Sinde	62
A IDEIA DE PÁTRIA EM ANTÓNIO TELMO Renato Epifânio	64
ANTÓNIO TELMO: UMA ARTE POÉTICA PARA UMA POÉTICA DA ARTE Risoleta C. Pinto Pedro	67
UM SEGREDO DO ALTO-MAR Rodrigo Sobral Cunha	75
A REALIDADE TRANSCENDENTE E ESPIRITUAL DA REDENÇÃO DO MUNDO EM ANTÓNIO TELMO Samuel Dimas	78
NA MORTE DE EDUARDO LOURENÇO	
ABERTURA DE “UMA VIAGEM COM PESSOA, NIETZSCHE E KIERKEGAARD” Eduardo Lourenço & Luís de Barreiros Tavares	84
EDUARDO LOURENÇO, LEITOR: REVISITAÇÃO Annabela Rita	89
CINCO PARÁGRAFOS EM CRESCENDO PARA O HOMEM QUE VENCEU A MORTE EM VIDA António José Borges	94
A MEMÓRIA E O MAL SEGUNDO EDUARDO LOURENÇO Carlos Nogueira	95
EDUARDO LOURENÇO: O ORTÓNIMO E ALGUNS DOS SEUS HETERÓNIMOS Gabriel Magalhães	106
<i>EX NIHILO NIHIL FIT</i> Isabel Ponce de Leão	108
NA MORTE DE EDUARDO LOURENÇO José Carlos Seabra Pereira	111
DES-CONCERTANTE EDUARDO: LOUVOR E SIMPLIFICAÇÃO DE EDUARDO LOURENÇO José Eduardo Reis	112
SAUDAÇÃO AO IRMÃO HUMANO EDUARDO LOURENÇO Manuel Ferreira Patrício	118
EDUARDO LOURENÇO E O PENSAMENTO DA RELAÇÃO Maria Graciete Besse	119
<i>O LABIRINTO DA SAUDADE</i> DE EDUARDO LOURENÇO: “UMA VIAGEM DENTRO DE NÓS MESMOS” Maria Luisa de Castro Soares	125
EDUARDO LOURENÇO E A EUROPA Miguel Real	128
EDUARDO LOURENÇO COMO MITO CULTURAL Renato Epifânio	130
OUTROS VULTOS	
ABRANCHES DE SOVERAL António Braz Teixeira	134
AGOSTINHO DA SILVA José Luis Basto	138
ANTÓNIO SALVADO Luís G. Soto	140
CELINA PEREIRA Elter Manuel Carlos	145
CLARICE LISPECTOR Lurdes Mara Oliveira de Albuquerque	147
CRUZEIRO SEIXAS José Almeida	150

DELFIN SANTOS Artur Manso.....	151
GONÇALO RIBEIRO TELLES Renato Epifânio.....	156
GUERRA JUNQUEIRO Mendo Castro Henriques.....	157
JOÃO BOAVIDA Emanuel Oliveira Medeiros.....	165
MÁRIO BIGOTTE CHORÃO Miguel Pedrosa Machado.....	170
SEBASTIÃO DA GAMA Joaquim Pinto.....	171
TORQUATO DE SOUSA SOARES António José Queiroz.....	175
VERÍSSIMO SERRÃO Nuno Sotto Mayor Ferrão.....	180
WALDEMAR BASTOS J. A. Alves Ambrósio.....	189

OUTROS VOOS

FÁBULA MORAL E INVENÇÃO NARRATIVA NA OBRA DE ITALO CALVINO Brunello Natale De Cusatis.....	194
OCASO CIVILIZACIONAL Eurico Ribeiro.....	199
PROLEGÓMENOS SOBRE A ORDEM ANTI-ENTRÓPICA: A VIDA COMO INSURGÊNCIA FACE AO NADA Joaquim Pinto.....	203
EM ESTADO DE EMERGÊNCIA: ANTES DA PANDEMIA Maria Leonor Xavier.....	207
CORONAVÍRUS, SOCIEDADE E DIREITO: QUESTÕES DE MORTE E DE VIDA Paulo Ferreira da Cunha.....	211
SOBRE A ORDEM DO/NO OCIDENTE: LIBERALISMO OU PÓS-LIBERALISMO? Pedro Velez.....	217
DA SIMULAÇÃO DESREFERENCIADORA COMO TOTALIDADE INTRANSPONÍVEL: UMA SUPOSIÇÃO DISTÓPICA Pedro Vistas.....	218
SETE DEAMBULAÇÕES PRÓ-LUSÓFONAS Renato Epifânio.....	224
AUTOBIOGRAFIA 8 (CONTINUAÇÃO) Samuel Dimas.....	230

EXTRAVOO

CARTAS PARA ANTÓNIO TELMO Dalila Pereira da Costa e Luis Amaro.....	244
---	-----

BIBLIÁGUIO

<i>AS LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA (DAS ORIGENS AOS NOSSOS DIAS)</i> Miguel Real.....	258
<i>A VIDA IMAGINADA: TEXTOS SOBRE TEATRO E LITERATURA</i> Miguel Real.....	261
<i>TEORIA DA LUZ E DA PALAVRA</i> Carlos H. do Carmo Silva.....	265
<i>JOÃO PELA VIDA DENTRO</i> Renato Epifânio.....	266
<i>LUSASALÉM V</i> Renato Epifânio.....	267
<i>CARA DE CÃO</i> Renato Epifânio.....	267
<i>DO MAR: EM EXALTAÇÃO DE PORTUGAL</i> Pedro Furtado Correia.....	268
<i>SETEAIS EM SINTRA</i> Maria Leonor Xavier.....	270
<i>HOMENAGEM A AGUSTINA BESSA-LUÍS</i> José Almeida.....	274
<i>ANTOLOGIA: O PENSAMENTO DE ANTÓNIO SARDINHA</i> José Almeida.....	275
<i>LEITÃO DE BARROS, A BIOGRAFIA ROUBADA</i> José Almeida.....	276
<i>EDIÇÕES MIL</i>	277

POEMÁGUIO

TELMO Renato Epifânio.....	83
NA MORTE DE EDUARDO LOURENÇO Jaime Otelo.....	131
SONATA N.º 9 & 10 Joel Henriques.....	132-133
TORMENTA & ROSA; CEREJA & ROSA; PESSOANA Jesus Carlos.....	192
NESTA VIAGEM, UM É TUDO; EPIGRAMA António José Borges.....	193
RECALCAMENTOS; ABANDONO Samuel Dimas.....	243
UMA ORAÇÃO NO TEMP(L)O Maria Luisa Francisco.....	246
CONVERSANDO COM SOPHIA Constança Alarcão Troni.....	247

MEMORIÁGUIO (p. 280), **MAPIÁGUIO** (p. 281), **ASSINATURAS** (p. 281), **COLEÇÃO NOVA ÁGUIA** (p. 284)

remotos mas significativos do Verbo supremo». Porque, assim como haverá aqui uma história profana explicitamente e outra história secreta ocultamente escrita em cifras, também para a linguagem haverá duas genealogias. «Se o português, provém, como entende a maioria, do latim e as palavras portuguesas têm, na generalidade seus étimos nas palavras latinas, tal 'genealogia' compõe-se com outra, mais alta, que deriva de uma língua sobrenatural, pressentida pelos poetas, e, neste livro, tornada menos distante através da 'árvore' das letras. Teremos, pois, uma árvore genealógica terrestre e uma árvore genealógica celeste. Do encontro das duas raízes surgiu a língua portuguesa» (pág. 7). E António Telmo, pela primeira vez na espiritualidade portuguesa, estabelece a relação entre a tradição hebraica da *Árvore dos Sephiroth*, e esta língua. Os dez princípios ou atributos divinos representados na Kabbalah, e que formam a estrutura interna do mundo visível e invisível, vão-lhe permitir uma equivalência entre o sistema fonético português e este sistema hebraico dos sephiroth; assim, «a fonética portuguesa é a demonstração de que cada língua possui uma estrutura sagrada!» (pág. 28). Se a «árvore» surgiu da «contemplação de sábios e de santos», esta sabedoria suprema se reflectirá perfeitamente nas línguas reais. E também aqui se criarão aquelas palavras portuguesas, já apontadas pela intuição de Pascoaes, como as mais

específicas e singularizantes do ser português: ermo, oculto, remoto... palavras crepusculares. «Dir-se-á, pois, que o povo português, no extremo ocidente da Europa, é também na língua o povo do entardecer. Se a noite, o abismo, se situam qualitativamente na 10 Sefhira, ali onde impera o *u*, vogal escura e nocturna, e o invernal *R*, já a manhã, o sol nascente, a luz que desponta e irrompe da fonte suprema devem referir-se ao mundo da emanação» (pág. 51).

Aqui, tudo se traduzirá por uma predominância das vogais e destruição das consoantes: o que aproximará a língua portuguesa de «aquela língua à qual a simbologia chama a língua dos pássaros ou dos iniciados» (pág. 53). O que confirmará ainda uma das nossas mais altas e remotas vocações tradicionais: de ser terra de iniciação, neste extremo ocidental.

Terminaremos esta rápida aproximação da obra de António Telmo citando ainda as suas palavras na última página da *História Secreta de Portugal*: «Tudo está em atribuir ou não à acção gigantesca que os «iniciados» cifraram nos Jerónimos uma repercussão que, subitamente, se revele nos seus efeitos adiados por um longo período de adormecimento. Tudo está para o indivíduo português em acreditar nisto ou não e, em caso positivo, em assumir conscientemente as consequências de uma sempre possível frustração».

CARTAS INÉDITAS DE LUÍS AMARO PARA ANTÓNIO TELMO¹

Nado e criado em Aljustrel, no Baixo Alentejo, Luís Amaro [1923-2018] fez a sua formação de autodidacta com o seareiro Deodato Barreto e com escritores ligados ao sindicalismo libertário da primeira República – Manuel Ribeiro, Ferreira de Castro, Julião Quintinha e outros. Estreou-se aos 12 anos com uma crónica no jornal *Ala Esquerda*, do Centro Democrático de Beja, e com a mesma

idade entrava como redactor do jornal *Diário do Alentejo*, fundado pouco antes em Beja.

Aos 16 anos era redactor do jornal *Brados do Alentejo* em Estremoz e pouco depois, em 1941, por intermédio de Agostinho da Silva, muito relacionado no meio livreiro, veio para Lisboa como caixeiro da livraria da Editora Portugália, onde depressa ascendeu a revisor linguístico e editor literário.

Conviveu então com muitos dos mais importantes escritores portugueses, vindo ele próprio

¹ Transcrição e comentário de Pedro Martins e António Cândido Franco.

a publicar nessa época o seu único livro *Dádiva* (1949) – um volume de poemas que teve depois reedições sucessivas (1975; 2006; 2011) com título refeito, *Diário íntimo*, e sempre com novos acrescentos. Com jovens poetas da sua idade – António Luís Moita, António Ramos Rosa, José Terra e Raul de Carvalho – fundou a revista *Árvore* [1951-1953], uma das mais marcantes da poesia portuguesa da segunda metade do séc. XX. Nas instalações da Portugália Editora, por certo ainda na primeira metade do século, conheceu Orlando Vitorino [1922-2003], já então conviva das tertúlias do grupo da Filosofia Portuguesa. Foi a propósito do falecimento deste pensador, ocorrido a 14 de Dezembro de 2003, que escreveu pela primeira vez – tudo leva a crer que fosse pela primeira vez – ao seu irmão António Telmo, que de resto conhecia quase da mesma época. É documento comovente, fraterno e solidário, que mostra toda a *dádiva* que existia na alma deste homem generoso e sensível, que punha um gosto raro no convívio com os seus semelhantes.

Mas essa breve missiva dá ainda a ver a agilidade da sua verve epistolar, o seu desembaraço verbal e a sua atmosfera comunicativa, ele que não tinha qualquer formação escolar – possuía como única habilitação académica a instrução primária – e que começou a prover ao seu sustento fora de casa aos 12 anos, verdadeira figura dickensiana a quem roubaram cedo a infância e a inocência. As duas cartas seguintes, de 2006 e 2009, já não têm por motivo o convívio com Orlando Vitorino, mas o próprio destinatário. Estudante da Faculdade de Letras de Lisboa, que então ficava numa fralda do Bairro Alto, na Rua da Academia das Ciências, Telmo frequentava os pequenos e populares restaurantes do Bairro Alto, onde encontrou e conviveu com Luís Amaro, também ele vizinho ao mesmo bairro, pois a livraria Portugália ficava perto do Chiado, na Rua do Carmo, e as pensões em que residia, ele que não tinha família em Lisboa, na mesma área. Se atendermos à carta de 23-7-2003, em que se diz que os únicos convivas do jovem livreiro eram Romeu Correia, António Telmo e o irmão deste Rui Vitorino, o convívio entre os dois terá sido intenso e afectuoso. Que Telmo guardou boa memória do seu comensal da época, testemu-

nho-o eu, que lho ouvi, por certo em momento que coincidiu com a leitura de uma destas cartas – talvez a segunda.

Azinhah Abelho [1911-1979], que Luís Amaro deve ter conhecido no seu período de Estremoz, foi outra das pontes entre ambos, e por certo não a menor, já que Abelho era um dos que sentava nas tertúlias da Filosofia Portuguesa ao mesmo tempo que era autor dum premiado livro que muito deve ter impressionado o Luís Amaro que vinha de Aljustrel, *Confissões dum rapaz provinciano* (1936). Mais tarde, Estremoz, para onde Telmo se mudou na década de 80 e onde Amaro residira e trabalhara no curso de dois longos anos, foi o motivo central da terceira e última missiva que aqui se dá a conhecer e que vale uma página de memórias, escrita depois de quase 70 anos de ausência.

Já no final da década de 60 mudou-se Luís Amaro para os serviços editoriais da Fundação Calouste Gulbenkian, onde secretariou e co-dirigiu até tardia aposentação a revista *Colóquio/Letras*, que muito deve ao seu saber e ao seu sentido de convívio. Aí voltou a reencontrar Orlando Vitorino, funcionário da mesma Fundação, e com quem se cruzava nas instalações da instituição ou nos restaurantes próximos, entre a Avenida de Berna e a Avenida António Augusto de Aguiar, onde ambos almoçavam, embora em grupos distintos – Luís Amaro com jovens colaboradores da revista *Colóquio/Letras* e Orlando com os do seu círculo, Francisco Morais Sarmiento, João Luís Ferreira e outros.

Já no caso de António Telmo é provável que após o convívio que com ele teve na Lisboa do meado do século XX nunca mais o tenha visto, já que, depois da sua vinda para a livraria Portugália, Luís Amaro pouco mais regressou aos lugares do seu Alentejo natal e não frequentou em absoluto Sesimbra, onde Telmo chegou a viver e a trabalhar depois do seu regresso do Brasil em 1968. Originário de uma terra mineira com forte implantação da organização operária, nascido no seio de família muito modesta – o pai era correeiro –, Luís Amaro manifestou desde cedo simpatia pela generosidade dos ideais libertários, de orientação cooperativista, socialista e comunista, embora sem qualquer militância a

assinalar. Fez questão de doar depois da morte ao jornal *A Batalha*, hoje centenário, parte do seu mobiliário pessoal.

CARTA I

Monte Real, 25 Dez. 2003

Meu Caro António Telmo:

O destino, essa entidade que nenhum sábio pode compreender, faz que seja no dia de Natal que lhe envie o meu comovido abraço pela morte de seu irmão Orlando. Foi para mim de todo inesperada, pois não o sabia doente. E relembro o simpático jovem, pouco mais velho que eu, que num dia longínquo – há mais de meio século! – conheci na Portugália Editora ao serviço de uns senhores alemães que organizavam o *Quem é Quem* (pelo vernáculo Álvaro Pinto, da *Ocidente*, sugerido para *Quem é Alguém*). E desde então, sempre que nos cruzávamos, Orlando Victorino me distinguia com um sorriso, e nunca, mas nunca, a peculiar ironia que o caracterizava me feriu... – coisa não vulgar nos intelectuais, e tantos foram, que conheci na vida.

Enfim – todos temos um fim, que nos espera! –, venho dar-lhe um sentido abraço e dizer-lhe da minha mágoa, sejam quais foram as diferenças entre nós todos.

Aceite V. também a velha estima que lhe dedica, junta com a admiração intelectual dum inulto, o seu amigo LUÍS AMARO.

CARTA II

23 de Julho 2006.

Meu Caro Filósofo Amigo:

Em férias há uma semana, recordo saudosamente os nossos encontros no Ganso, da Rua do Norte, e depois no Atalaia, restaurantes do Bairro Alto... Com o seu irmão Rui e, às vezes, o seu colega Francisco Sotto Mayor. Da minha parte, aparecia o Romeu Correia neo-realista de gema, e no Ganso (?) estacionavam, longe, o Carlos Wallenstein e o poeta Mascarenhas, de Faro e que estudava Letras. Quantos desapareceram já! Somos nós os sobreviventes... Éramos “contemporâneos”, mas só com o meu Amigo, o seu irmão e o Romeu avulso eu convivia, os outros

ignoravam-me com desdém (pois não era eu o “alentejano bisonho” de Armindo Rodrigues?). Recordo ainda, mas já perto de mim, o Azinhal Abelho dessa época e até de antes, e seu irmão Orlando, que nunca me molestou...

Ao Wallenstein (“arrebenta pensões”) descobri-lo-ia, é diferente, na Fundação.

Temos dois bons amigos comuns: o António Cândido Franco e o António Severino.

Deseja-lhe todo o bem, com um abraço, o LUÍS AMARO.

CARTA III

Massamá, 30 de Outubro 2009.

António Telmo, bom amigo:

Sim, é o seu velho companheiro de restaurante – primeiro no Ganso, depois no da Rua da Atalaia, de que esqueci o nome – que lhe escreve... Com 86 anos e meio, que posso dizer-lhe de mim senão que sobrevivo? Talvez – não está esclarecido ainda *o meu caso* – na iminência de pacemaker, mas... sobrevivendo.

E folgo saber que o meu Amigo continua, em Estremoz – “uma das mais lindas terras do Alentejo”, segundo Armindo Rodrigues num livro que prometo enviar-lhe, gralhadíssimo e póstu-mo –, continua, em Estremoz, vivíssimo e dispensando atenção, quando o encontra, ao António Severino, o excelente moço que há mais de trinta anos conheci na estação do Metro de S. Sebastião que ambos frequentávamos: o Severino leitor insaciável de romances traduzidos mas não só (o que não é vulgar nos funcionários de Seguros, como ele).

Pois hoje, tendo-me o dito Severino telefonado após meses de silêncio, e falado de novo em António Telmo e da sua recordação dum tal L. A. mais ou menos bisonho (e então na década de 40!), apeteceu-me, saudosos de si, escrever-lhe estas linhas apressadas. E enviar-lhe uma singela página de memórias alusiva a David Mourão-Ferreira, que decerto conheceu também. Desculpe a pobreza do escrito, mas já sabe que pilriteiro só pode dar pilritos...

Junto ainda cópia de um recibo que remonta à minha pré-história, quando, em Beja, aos 16 anos (!), correspondente e colaborador dos

Brados do Alentejo estremocenses, nem sonhava ainda que, meses volvidos (quantos, já nem sei), transportaria para Estremoz os meus sonhos, a convite do Dr. Marques Crespo... Viria para Lisboa, finalmente, em finais de Agosto de 41. Diga-me, por favor: será vivo ainda o Sr. Acácio José Palmeiro da Costa, da Farmácia Costa e As-sunção, no Largo do Gadanha?

O Severino diz-me que sim, mas custa-me a crer. O Sr. Acácio Costa era (é?) uma das melhores pessoas que encontrei na vida – e também o Dr. Crespo! Ah, sim!

Abraço muito afectuoso e grato do seu Luís Amaro, que ainda ontem recebeu notícias de outro amigo comum: o A. Cândido Franco, que profundamente estimo, assim como ao amarantino António José Queiroz – e, claro, ao António Telmo!

Maria Luísa Francisco

UMA ORAÇÃO NO TEMP(L)O

Revisitando Sophia de Mello Breyner

Vejo as suas palavras cheias de Luz dando claridade e movimento aos livros
Sinto-me transportada para outros lugares
O mar e a Antiguidade Clássica
“Aos deuses supúnhamos uma existência cintilante consubstancial ao mar (...) à luz”
Luz é a palavra que mais encontro na poesia de Sophia
E mesmo quando a palavra “luz” não está lá,
está a luminosidade e a perspicácia do seu olhar.
Sophia anseia a presença de Deus e vai ao tempo primordial nessa procura:

“Senhor, como estás longe e oculto e presente!
Oíço apenas o ressoar do teu silêncio que avança para mim
e a minha vida apenas toca a franja límpida da tua ausência.
Chama à tua claridade a totalidade do meu ser
para que o meu pensamento se torne transparente
e possa escutar a palavra que desde sempre me dizes.”

Sinto que Deus se faz perto através da poesia!
Desejo que a vida e obra de Sophia,
com a lucidez moral da sua poesia inspire um Portugal mais fraterno e que,
sem perder a sua vocação poética, retome “o dia inicial inteiro e limpo”!